

DONATO E O DONATISMO.

EUZA ROSSI DE AGUIAR FRAZÃO

Disciplina: História Antiga.

Por muito tempo discutiu-se a questão relativa à origem do nome com que é conhecido o grupo de rigoristas — donatismo — e os seus adeptos — donatistas — que implantaram no setentrião africano um cisma, que perdurou por mais de trezentos anos, até a extinção do Cristianismo nessa região, pelos muçulmanos. Razão desta problemática: a identidade do herói epônimo do donatismo. Este homem, devotado à doutrina, à ação e à liderança, exerceu verdadeiro primado graças ao seu gênio dominador e organizador e à sua arrebatadora eloquência, daí ter granjeado o epíteto de o “Grande”. Mas, será ele o mesmo personagem que conhecido como Donato, bispo de Casas Negras — abstração feita ao efêmero episcopado de Majorino — foi, em Cartago, o primeiro grande cismático em oposição a Ceciliano, isto é, ao verdadeiro bispo da cidade?

Aceita-se, em geral, 306 como a data inicial do suposto cisma de Donato de Casas Negras, quando sucedeu que numerosos fieis, sob a instigação de Donato, se afastaram de Mensúrio e de sua igreja, acusando-o de ser um traidor.

Donato era númida, bispo ou antigo bispo da localidade númida de Casas Negras. É provável que se houvesse comprometido, de alguma forma, na grande perseguição de 303, sendo imperador Diocleciano, e tivesse sido expulso da cátedra episcopal porquanto nunca foi encontrado na sua sede. Entrementes, viera se fixar em Cartago, onde se tornou o chefe principal do partido dos oponentes (1), isto é, do “partido númida”, contrário a Mensúrio. Inclusive, parece ter sido enviado à capital da Proconsular por Segundo de Tísi, primaz da Numídia, a fim de semear a discórdia no seio da Cristandade africana

(1). — MONCEAUX, *L'Église donatiste avant Saint Augustin*, in “Revue de l'Histoire des Religions”, t. LX, 1909, p. 16.

e de desviar a atenção das capitulações do clero núpida, efetuadas durante a perseguição encetada por Diocleciano (2).

Mais tarde, desempenhou importante papel na crise da qual se originou o donatismo. A partir de Tillemont tem sido asseverado que ele teria sido o autor de um primeiro cisma em Cartago. A questão permanece bastante obscura.

Entretanto, é certo que Donato de Casas Negras foi condenado pelo Concílio de Roma por haver fomentado um cisma na capital, por haver rebatizado apóstatas e consagrado bispos culpados. A propósito escreve Santo Agostinho:

... “Donato de Casas Negras foi ainda acusado de fomentar um cisma em Cartago, na época em que Ceciliano era diácono — é do cisma de Cartago, com efeito, que se formou o partido de Donato contra a Igreja Católica” (3).

O Santo o acusa também de ter sido ele o primeiro a romper com a Igreja:

... “foi ainda Donato de Casas Negras, quem, em primeiro lugar, levantou, nesta cidade, altar contra altar” (4) ...

Mas, não se entende se os textos se relacionam ao início do donatismo propriamente dito ou ao de um cisma anterior. Para complicar ainda mais a questão, Agostinho declara, por outro lado, que a unidade religiosa não foi rompida antes da deposição de Ceciliano pelo Concílio de 312:

“Quanto a Mensúrio, que posso responder? Desde o seu tempo e até o dia de sua morte, o povo da unidade não conhecera nenhuma divisão: as cartas de Segundo de Tigisi, que se afirma, o repriminavam, confirmam o caráter pacífico de suas relações epistolares e o aspecto fraternal de sua união colegial” (5).

Aparentemente Donato foi até essa data o chefe do partido da oposição; e deve ter sido por causa do seu papel ulterior, que se fez

(2). — Verbete. *Donat* in *Dictionnaire d'Histoire et de Géographie*, t. XIV, p. 650.

(3). — Ag., *Breviculus Collationis cum Donatistas*, III, XI, 23. Tradução de FINART in *Traité Anti-Donatistes*, Bibliothèque Augustinienne, publiée sous la direction des Études Augustiniennes, t. XXXI, vol. 4, p. 189.

(4). — Ag., *Contra Cresconium*, II, 29. FINAERT, O. S. A., t. XXXI, vol. 4, p. 189.

dele, imediatamente, um cismático antes do cisma. Não deixa de ser menos significativo para a história das origens do donatismo, que o chefe dos descontentes de Cartago e principal agente da intriga contra Ceciliano haja sido um bispo nômida.

A morte do bispo Mensúrio, por volta de 311, ofereceu à dupla oposição cartaginesa e nômida, ocasião para passar-se das palavras aos fatos, pretextando remediar a viciada e nula eleição e consagração de Ceciliano: elegeram para substituí-lo, Majorino, leitor da Igreja de Cartago. Sucede que Ceciliano, legítima e validamente consagrado, negou-se a abdicar. Sua firme decisão foi então, o bastante para que os adversários se organizassem logo numa igreja cismática, sem qualquer inovação; os quadros tradicionais, a disciplina e a hierarquia africanas foram conservadas ligando-se estreitamente ao passado, porquanto, apesar da sua conturbada origem, pretendia ser a única na África a representar em toda a sua pureza, a Igreja Universal.

Tal divisão se alastrou por toda a parte a exemplo da situação criada em Cartago, onde dois bispos, duas Igrejas e dois partidos se defrontavam. Os seguidores de Majorino diziam-se membros da “Igreja dos Mártires” e acusavam os oponentes de *traidores*, traidores.

Em breve, os seguidores de Majorino passaram a ser conhecidos como donatistas, dada a influência de Donato, o mais antigo autor do cisma, já que fora quem dividira a Igreja de Cartago (6). Polemista mordaz, orador vigoroso, escritor de classe, tornara-se muito mais necessário do que o antibispo (7) que, como sombra, se desvaneceu em breve. Optato, por exemplo, não o mencionou mais após a sua sagração episcopal, em 312.

Segundo Santo Agostinho, Mensúrio ainda vivia na primavera de 313, quando foi endereçada uma súplica ao imperador Constantino, no dia 15 de abril pelos bispos dissidentes:

“... no início, o partido de Donato chamado em Cartago partido de Majorino, acusou Ceciliano sem motivo... perante o Imperador Constantino... Incluímos nesta carta uma relação do então proconsul Anulino a quem havia interpelado o partido de Majorino para que fosse enviada ao mencionado Imperador a lista de crimes que se imputam a Ceciliano” (8).

(5). — Ag., *Do unico Baptismo*, XVI, 29. *Ibidem*, p. 731.

(6). — MARTROYE, *Une tentative de revolution sociale en Afrique*, in “Revue des Questions Historiques”, t. XXXII, p. 363.

(7). — DE BROGLIE, *L’Église et l’Empire romain au IVe. siècle*, t. I, ps. 225-260; LECLERCQ, *L’Afrique chrétienne*, t. I, ps. 325-328 e 335-338.

(8). — Ag. *Ep.*, 88, 1. Tradução de BARREAU, in “*Oeuvres Complètes de Saint Augustin*”, traduits en Français et annotés par PERONNE; ÉCALE, VINCENT, CHARPENTIER, H. BARREAU, t. IV, p. 600-601.

“... Não é verdade que vossos chefes apresentaram um libelo de acusação ao proconsul Anulino para que fosse enviado ao Imperador Constantino e que se intitulava: “Libelo da Igreja Católica que contem os crimes de Ceciliano, apresentado pelo partido de Majorino?” (9)”.

Referindo-se aos assuntos tratados na terceira sessão do Concílio de 411 realizada com representantes do clero católico e donatista, o bispo de Hipona afirma que foram lidos dois relatos do proconsul, nos quais declarou que os ancestrais dos donatistas, isto é, os partidários de Majorino lhe haviam remetido cartas de acusação contra Ceciliano (10).

É provável que Majorino já houvesse falecido e que Donato fosse o antibispo de Cartago, quando da realização do Concílio de Roma, em outubro de 313, durante o qual, assevera Santo Agostinho:

“Milcêades... culpou só e principalmente Donato, pois descobrira que era ele o fomentador de todo o mal. Deixou aos demais livre escolha para a regeneração, dispôs-se a enviar cartas de comunhão aos que, como constava, haviam sido consagrados por Majorino” (11).

O certo é que o primeiro antibispo foi substituído, em circunstâncias que desconhecemos, por Donato de Cartago-o-Grande, que os donatistas passaram a distinguir de Donato, autor da ruptura. Não deixa de ser intrigante o súbito desaparecimento de Donato de Casas Negras, enquanto surgia como chefe do partido, Donato de Cartago. Nasce de imediato a questão: não seriam ambos a mesma pessoa? A se dar crédito aos pesquisadores do nosso século, ambos os sacerdotes são um único indivíduo, asserção corroborada por Santo Optato (12), adversário dos rigoristas. Da mesma forma, Santo Agostinho, em nenhum momento faz distinção entre um e outro, referindo-se a um só Donato, sem quaisquer outras indicações:

“... Homem que procura vãs homenagens
não quer reinar com Cristo

(9). — *Idem*, Ep. 93, IV, 13. BARREAU, O. C. S. A., t. IV, p. 637-638.

(10). — *Idem*, Brev. Coll. III, XII, 24, FINAERT. O. S. A., t. XXXII, v. 4, p. 185.

(11). — *Idem*, Ep. 43, V, 16. BARREAU, O. C. S. A., t. IV, p. 402-403.

(12). — Optato, *De Schismate Donatistarum* I, p. 22-26; III, 1 e 3. Apud MONCEAUX, *L'Eglise...*, R. H. R., t. LX, p. 21, n. 4.

tal foi o chefe desta peste
à qual emprestou o seu nome.
Pois então, Donato pretendia
dominar toda a África...” (13).

“Eu me chamo “Católico”
vós pertenceis a Donato?” (14).

“Vós suportais tanto mal
mas, sem serdes recompensados
porque o apóio que se deve a Cristo
é a Donato que ofereceis” (15).

“Exigiram que se apresentassem os acusadores ou os testemunhos necessários para a causa, uma vez que haviam vindo da África com os donatistas; dizia-se que estavam presentes, mas que haviam sido subtraídos por Donato. Este prometeu apresentá-los...” (16).

Dado a veemência dos donatistas em tentar convencer a todos que a condenação papal nada tinha a ver com Donato (17), Santo Agostinho ficou tão perturbado com tal revelação que, em mais de uma obra, escreveu a esse respeito (18). Ainda que o Santo houvesse por fim aceite esta tese, há bons motivos para que discordemos desta afirmação insistente dos donatistas, surgida um século depois da ruptura (19).

A propósito, não podemos deixar de mencionar o fato de que o autor Bardy, na sua introdução às *Revisões* de Santo Agostinho (20) apresenta importante objeção aos estudiosos, o que escapou aos seus antecessores. Estes são unânimes em afirmar que o problema da identidade de Donato só chegou ao conhecimento de Santo Agostinho no decorrer da conferência de Cartago, efetuada do ano de 411 (21), quando, na verdade esta questão se apresentou ao Santo bispo bem antes, uma vez que no seu livro II, I, 2, das refutações dirigidas a Crescônio, escreve:

(13). — *Idem*, *Psalmus contra Partem Donati*, 99-101. FINAERT, O. S. A., t. XXVIII, v. 1, p. 165.

(14). — *Ibidem*, ps. 278-279. *Ibidem*, p. 189.

(15). — *Ibidem*, p. 293-296. *Ibidem*, p. 191.

(16). — Ag., 43, V, 15. BARREAU, O. C. S. A., t. IV, p. 401-402.

(17). — *Idem*, *Retractationis*, I, 20, 4.

(18). — *Idem*, *De Haeresibus*, 69. Apud. PALANQUE, BARDY e LABRIOLLE, *De la paix Constantinienne à la mort de Théodose in* “Histoire de l’Eglise”, publiée sous la direction de A. Fliche et V. Martin, t. III, p. 43.

(19). — DUCHESNE, *Histoire ancienne de l’Eglise*; PALANQUE e outros, *op. cit.*, t. III, p. 43.

(20). — BARDY, Introdução ao t. XII, das “*Obras de San Augustin*”, Biblioteca de autores cristianos, p. 117.

(21). — Ag., Bre. Coll. III, XVIII, 36. FINAERT, O. S. A., t. XXXII, p. 225.

“Se foi um dos nossos quem pela primeira vez formou esta palavra derivada, não creio que haja tido em mente imitar a derivação evangelista, que vem de Evangelho; não, ele viu que além de Donato de Cartago se apresenta como o mais poderoso sustentáculo desta heresia também Donato de Casas Negras, seu predecessor, que lançou pela vez primeira altar contra altar, causando grande escândalo; provavelmente ele queria fazer derivar donatista de Donato, como escandalista de escândalo” (22).

O fato do autor em questão mencionar claramente dois Donatos, sem se mostrar assombrado, nem apresentar dificuldades a respeito desta mesma distinção, nos leva às seguintes conjeturas: ele se desinteressou em discuti-la, limitando-se a repetir uma afirmação de Crescônio, ou achou o desdobramento de menor importância, ou ainda difícil de ser esclarecido. De qualquer maneira, esta passagem de *contra Cresconium* é o primeiro testemunho que existe da distinção, que parece ter sido invenção dos donatistas, em proveito de sua causa.

Como afirmamos acima, os historiadores hodiernos se pronunciam pela fusão dos dois Donatos. Coube a Paul Monceaux (23) o esclarecimento e a resolução do problema: para tanto, demonstrou que Optato e depois Santo Agostinho, até o ano de 411, não põem em dúvida a identidade do agitador vindo de Casas Negras com a do primaz de Cartago, de onde deduz que a distinção oficial apresentada na conferência de Cartago, deve ter sido invenção dos próprios rigoristas, desejosos de dissociar o seu chefe dos excessos do sementeiro de intrigas que atuou no início do cisma e foi excomungado pelo papa Milcíades (24).

De qualquer maneira, Donato-o-Grande era possuidor das qualidades inerentes a um verdadeiro chefe. Tomando oficialmente a frente do movimento, ao suceder Majorino, acabou de estabelecer e de fortalecer a nova igreja que pretendia ser a verdadeira igreja católica, uma igreja africana, autônoma, a “igreja dos mártires”, à qual a História legou o nome de partido de Donato (*pars Donati*) ou donatismo (*Donatismus*).

(22). — A palavra escandalista foi criada provavelmente por Santo Agostinho com intuito irônico. No entanto este termo aparece também no sermão atribuído ao mesmo autor (*De Symbolo*, II, 4) numa passagem a respeito de um jogo de circo: “Scandalistarum quis illic forte peritiam admiretur”. Seria então, um termo técnico de jogos.

(23). — Monceaux, *Histoire littéraire de l'Afrique chrétienne*, t. V, p. 100-105, Apud. PALANQUE e outros, *op. cit.*, t. III, p. 43.

(24). — Ag., *Brev. Coll.*, III, XVIII, 36, FINAERT, O. S. A., t. XXXII, v. 5, p. 225.

(25). — MONCEAUX, *Hist. litt.*, t. IV, p. 111, Apud. PALANQUE e outros, *op. cit.*, t. III, p. 43.

“Pode mostrar desde o grande dia, seu temperamento ambicioso de profeta batalhador e de condutor de homens” (25).

Pouco se sabe da meninice e da juventude do sucessor do anti-bispo Majorino, a não ser que veio ao mundo por volta do ano de 270, em uma pequena e remota localidade da Numídia, destinada a se tornar conhecida para sempre, uma vez que o seu nome foi ligado ao de Donato: Donato de Casas Negras. Tendo recebido sólida instrução, o jovem, levado pelo impulso de sua vocação, foi ordenado, galgando aos poucos, diversos cargos da hierarquia religiosa.

Seus méritos eram de tal monta que mesmo seus adversários não podiam deixar de reconhecê-los:

“Há, na Igreja, e sempre houve os hábeis de profunda erudição, perfeitamente instruídos na lei de Deus. Estas são as gemas preciosas que ornamentam as vestes da Igreja, esta excelente e forte mulher. Houve, porém, destas gemas, aquelas que se destacaram e que se perderam ao cair. Tal se deu com Donato, que deixou o lugar que ocupava neste ornamento. Ele se separou da Igreja para procurar alhures sua própria glória, para ter um partido que teve o seu nome” (26).

“Este Donato que governou a igreja cismática de Cartago por mais de quarenta anos, porquanto se sabe que ele vivia ainda no ano de 358, foi a alma e a força maior de sua seita. Era notável pela dignidade e pela pureza dos seus costumes, pela habilidade nas letras e pela eloquência” (27).

Santo Optato o descreve como sendo um homem inconstante, violento, colérico, que no seu orgulho acreditava-se ser superior aos demais, ao ponto de se fazer considerar tal qual uma divindade (28).

Tendo em suas mãos a responsabilidade de difundir o cisma, pode, a partir de então, demonstrar todo o seu gênio de organizador e de chefe espiritual (29). Com o passar do tempo, o respeito e a admiração que lhe devotavam os seus adeptos deram lugar a irrestrita veneração, inclusive a um verdadeiro culto. Os dissidentes, incluindo seus bispos, por exemplo, juravam em seu nome e mesmo pelos seus cabelos brancos:

(26). — Tillemont, *Donatistes*, art. XXVII; *Mémoires*, t. IV. Apud. MARTHOYE, *Une tentative...* R. Q. H., t. XXXII, 1904, p. 388.

(27). — Ieronimus, *De viris illustribus*, cap. XCIII; *Chronique*, 358. Apud. MARTROYE, *Une tentative...*, R. Q. H. t. XXXII, 1904, p. 388.

(28). — Optato. *Op. cit.*, III, 3 (Ellis du Pin, p. 51). Apud. MARTROYE, *Une tentative...* R. Q. H., t. XXXII, 1904, p. 389.

(29). — Ag., *De haeres*, 69. Apud PALANQUE, e outros, *op. cit.*, t. III, p. 43.

“Expostos aos golpes dos reis, a obstinação dos homens pode, sob o falso nome de virtude, procurar o louvor; mas, sofrer o suplício do fogo eterno não será e não passará por ser um ato de coragem. Nesse dia não haverá gente para lhes perfumar a cabeça com o óleo da adulação, para se deixar enganar por todos os tipos de sedução e desejar coroas para os réprobos, gritando: “Bravo! Bravo!” e para jurar pelos cabelos brancos dos que não tiveram mente sã” (30).

Contava-se que Deus falara, do céu, a Donato, revelação que veio reforçar a veneração prestada pelos dissidentes ao seu supremo pastor, ao ponto destes não se oporem à denominação de “donatistas”, apesar de que sua aspiração era a de serem reconhecidos como membros da “igreja oficial” e como “católicos”. A este respeito escreve Santo Agostinho:

“Donato, para os donatistas, é como Cristo. Se ouvissem um pagão difamar o nome de Cristo, talvez se zangassem menos do que ouvissem injúrias a Donato” (31).

“Em altos brados os adoradores cantavam diante de Donato: “Bravo! Bravo! Chefe ilustre!” e ele então gritava: “Que se afastem imediatamente e que se envergonhem os que me dizem: “Bravo! Bravo!” Não, ele não os chamava à ordem, nem os convidava a reservar para Cristo os seus brados de “Chefe excelente! Chefe ilustre!” (32).

Tendo tomado conhecimento da morte do bispo Ceciliano, Donato quis aproveitar a oportunidade que se lhe oferecia, empenhando-se para ser reconhecido como único e legítimo bispo de Cartago.

A anarquia em solo africano, os atos de banditismo praticados pelos circunceliões e pelos seus aliados nativos, a audácia incontida dos donatistas, o sucesso do seu proselitismo e as suas arbitrariedades acabaram por inquietar os representantes do poder central. O imperador Constante, a quem cabia o governo da diocese da África, julgava-se bastante forte e especialmente habil para restabelecer a paz, suprimindo de uma vez por todas o cisma africano. De início tentou convencer pela doçura: assim, enviou dois bispos, Paulo e Macário à África, com a missão específica de preparar a união das Igrejas através da distribuição de auxílios às comunidades necessitadas e presentes aos

(30). — Ag., C. ep. Parm., III, vi, 29, FINAERT, O. S. A., t. XXVIII, v. 1, p. 473.

(31). — Ag., *Sermo* 197, 4. PERONNE, O. C. S. A., t. XVII, p. 435.

(32). — Ag., *Unarratio in Psalmos*, 69, 5. PERONNE, O. C. S. A., t. XIII, p. 123.

chefes e elementos influentes do donatismo. Ambos deveriam obter a união a qualquer custo. Se necessário fosse, como último recurso poderiam empregar a força, no que teriam garantido o apóio das autoridades locais e das tropas.

Obedecendo ao protocolo, os dois delegados se dirigiram, em primeiro lugar, ao primaz cismático da capital da Proconsular, ou seja, a Donato. Este os acolheu friamente, respondendo às suas perguntas com outra indagação: — “Que há de comum entre o Imperador e a Igreja?”

Imediatas providências foram tomadas no sentido de informar o clero dissidente qual atitude tomar diante dos legados. Donato exigia que a presença destes fosse ignorada, inclusive toda e qualquer oferta ou presente por eles oferecidos deveriam ser recusados. Nessa oportunidade, a igreja donatista, mais do que nunca deveria se mostrar como a “igreja dos puros”, como o “partido dos zombadores” em face da “igreja dos traidores”, termos estes com os quais a *Passio Marculi* se refere à delegação de Macário e Paulo (33). Para que não subsistissem dúvidas quanto às atitudes a serem tomadas em relação aos dois bispos vindos por ordem do Imperador, Donato enviou a todas as comunidades dissidentes, carta circular. Lida nos templos e praças, os adeptos do cisma cumpririam as ordens do chefe vigilante, temido por todos (34).

Tendo constatado a inutilidade dos seus esforços através de meios pacíficos, Constante, no decorrer do ano de 347, decidiu-se pela promulgação de um edito de “união” ou de “unidade”, ordenando a fusão das duas igrejas a suspensão da liberdade de culto aos donatistas, a entrega das basílicas aos católicos, a dissolução das comunidades cismáticas e seu retorno ao seio do catolicismo. Em agosto do mesmo ano foi afixado um edito proconsular tornando obrigatório o restabelecimento da unidade religiosa, ao mesmo tempo em que declarava fora da lei os sacerdotes recalcitrantes (35).

Nas regiões orientais da África Latina, na Proconsular, em Bizacena e na Tripolitânia, a união foi obtida sem maiores problemas. No entanto, para a Numídia o edito representou o desencadeamento de verdadeira guerra religiosa: à aproximação dos “artesãos da unidade” — assim eram chamados os dois comissários imperiais — inúmeras aldeias, até mesmo cidades ficavam desertas ou então, seus habitantes ofereciam resistência armada, exigindo dos *ministros sancti operis* —

(33). — *Passio Marculi*, Vide Yves, M. J. Congar in O. S. A., t. XXVIII, v. 1. p. 18, n. 2.

(34). — MONCEAUX, *L'Eglise donatiste...*, R. H. R., t. LX, 1909, p. 40.

(35). — JULIEN, *Histoire de l'Afrique du Nord*, p. 40.

como eram conhecidos Paulo e Macário pelos católicos — repressão que por vezes culminava em extrema violência.

Apoiados pelas tropas do Conde Taurino, os “artesãos” tiveram de enfrentar bandos de circunceliões, por vezes dirigidos por bispos, como ocorreu, por exemplo, em Bagai.

A fim de completar a obra de união e repressão, Donato-o-Grande e os seus principais bispos e chefes da rebelião foram severamente perseguidos pelas tropas imperiais. Presos e condenados, uns sofreram a pena capital, outros seguiram para o exílio, os demais foram encarcerados. Donato não foi poupado; com vários adeptos, foi banido do continente africano. Este golpe desferido contra o cisma redundou na submissão de muitos clérigos, desamparados pela falta do chefe.

Eis que, afinal, desembaraçada dos seus adversários pela mansuetude, pela coação, pelo massacre ou pelo exílio, a Igreja da África, oficialmente unificada, pode, pelo espaço de quinze anos, usufruir o seu triunfo, isto é de 348 a 362: depois de tantos anos de dissensões e sofrimento, os cismáticos estavam vencidos, o donatismo aniquilado e a unidade restabelecida. Pelo menos aparentemente.

Por volta do ano de 355, eis que o donatismo sofre novo rude golpe: Donato falece não se sabe exatamente se na Gália ou na Espanha. Com ele desaparecia o chefe habil, sagaz e enérgico, cuja perda significava o fim das derradeiras resistências. Consumou-se a profecia que Optato não se cansava de repetir, repetindo o que o profeta dissera sobre o príncipe de Tiro: de que ele não morreria no seu país natal. E assim foi (36).

Certamente Donato já não vivia quando o Imperador Juliano, cognominado o “Apóstata”, deu liberdade de consciência aos donatistas, pois foi Parmeniano, sucessor de Donato, quem veio ocupar a sede episcopal em Cartago.

Depois de sua morte Donato foi venerado pelos seus adeptos como um santo e um martir, sendo-lhe atribuído grande número de milagres. Muitos inclusive chegavam a jurar que tinham sido ouvidos em suas preces pelo morto.

Para os seus adversários, Donato não passou de um “demônio” encarnando o espírito do orgulho.

Para o historiador imparcial, foi um varão de valor, dotado de invulgar eloquência, o primeiro grande escritor do donatismo. É de

(36). — Optato, *op. cit.*, III, 3. Apud. MARTROYE, *Une tentative...*, R. Q. H., t. XXXII, 1904, p. 402-403.

se lamentar que de suas obras quase nada nos chegou. Toda a sua correspondência desapareceu, sendo conhecidos trechos dela através das alusões ou fragmentos citados pelos adversários. Os discursos deveriam ser bastante numerosos: deles só possuímos um único sermão, pronunciado pela passagem do natalício de mártires donatistas. É conhecido pelo título de *Passio Donati*. Provavelmente Donato foi o autor de um tratado respeitado tal qual um livro sagrado — sobre o Espírito Santo — e ainda de outro sobre a Santíssima Trindade (37), este, obra muito mais política que teológica, um compromisso entre a doutrina trinitária dos católicos e dos discípulos de Ário, destinada a alcançar para os donatistas o favor destes últimos (38).

* *
*

EUZA ROSSI DE AGUIAR FRAZÃO. — Nasceu nesta Capital a 28 de setembro de 1937, onde reside. Licenciada em História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1961). Mestre (1973) e Doutora (1975) em História, na área de História Social, pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Auxiliar de ensino voluntária na área de História Antiga no Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Trabalhos publicados: resenhas bibliográficas na *Revista de História* e contribuições aos Simpósios Nacionais promovidos pela Associação Nacional dos Professores Universitários de História e às reuniões anuais da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

(37). — Ag., *De haeres.*, 69. Apud. PALANQUE, e outros, *op. cit.*, t. III, p. 43.

(38). — BERTHIER, *L'Algérie et son passé*, p. 130.